

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
COM A LINHA DE SOMBRA
25 de novembro de 2025

A VIDA DOS ESPELHOS / 2025

Um filme de Regina Guimarães e Saguenail

Seleção e montagem: Regina Guimarães e Saguenail / **Edição e montagem de som:** José Lobo /
Com: Luis Miguel Cintra (voz off)

Com excertos de filmes de Manoel de Oliveira: *Acto da Primavera* (1963), *A Caça* (1963), *Benilde ou a Virgem Mãe* (1974), *Amor de Perdição* (1978), *Lisboa Cultural* (1983), *Le Soulier de satin* (1985), *Mon cas* (1986), *Os Canibais* (1988), *“Non” ou a Vã Glória de Mandar* (1990), *A Divina Comédia* (1991), *O Dia do Desespero* (1992), *Vale Abraão* (1993), *A Caixa* (1994), *O Convento* (1995), *Inquietude* (1998), *Palavra e Utopia* (2000), *Je rentre à la maison* (2001), *O Princípio da Incerteza* (2002), *Um Filme Falado* (2003), *O Quinto Império – Ontem Como Hoje* (2004), *Espelho Mágico* (2005), *Cristóvão Colombo – O Enigma* (2007), *Singularidades de uma Rapariga Loura* (2009), *O Estranho Caso de Angélica* (2010), *Gebo et l’ombre* (2012) e *O Velho do Restelo* (2014).
E excertos de filmes de Paulo Rocha: *A Ilha dos Amores* (1982) e *O Rio do Ouro* (1998).

Produção: Hélastre, a partir de uma encomenda da Fundação de Serralves / **Cópia:** cor / preto e branco, a exhibir em formato DCP, 135 minutos / **Estreia:** 13 de julho de 2025 (Casa do Cinema Manoel de Oliveira – Fundação de Serralves, Porto, Portugal)

SOBRE A VIDA DOS ESPELHOS

Durante os últimos anos da sua vida, em variadíssimas tomadas de palavra, amiúde ouvimos de Manoel de Oliveira citar a seguinte frase de Arturo Ripstein: “O Cinema é o espelho da vida”. Manoel de Oliveira buscava nessa declaração contundente profundidades, confluências, derivações, cuja orquestração, no fim de contas, talvez escapasse ao cineasta mexicano.

Levando muito a sério a citada afirmação, inúmeras vezes repetida pelo mestre, e partindo do princípio de que, segundo ele, todo o cinema é, em primeira e última instância, documental, damos connosco a buscar qual a natureza desse(s) espelho(s) que o cinema, transversalmente nos propõe e que utiliza como divina ferramenta.

Não se trata certamente de pura *mimesis* – imitação da existência, reflexo do mundo – aquilo que Manoel de Oliveira projeta na frase de Ripstein, posto que nunca praticou o naturalismo e ainda menos buscou naturalidade fosse no que fosse. Trata-se antes, julgamos nós, da possibilidade de utilizar todas as presenças visíveis e audíveis em seu

redor, como reveladores, sem outro artifício que não o estar perante o olho da câmara, sem outra poética que não a da concretude.

Foi com os pés assentes nesta convicção que arrancámos para o corte e confecção do filme *A Vida dos Espelhos* abraçando a torrente de histórias, memórias, especulações e desconstruções de Luis Miguel Cintra que foi, frequentemente, figura maior no Palácio de Espelhos Manoel de Oliveira.

Gostaríamos que *A Vida dos Espelhos* se abrisse, fechasse, vibrasse e oscilasse como um leque, que conseguisse fazer jus à exigência, à inteligência e ao humor do ator, encenador e colecionador de ícones, que conseguisse multiplicar e desdobrar os reflexos de Cintra em Oliveira e vice-versa, como se o verbo se tivesse tornado, efetivamente, carne, a cada colaboração entre o criador de cinema e criador de teatro.